



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1241

Os paralelos da institucionalização do modelo de *condottieri* por Maquiavel e da *nobreza de serviço* por Fernão Lopes.

Lucca Zanetti
Universidade Federal do Paraná

Resumo. A partir da análise de fontes, crítica interna e externa das obras e sua inserção em seu contexto histórico de acordo com a bibliografia levantada, o seguinte trabalho se propõe a explorar as relações perante os conceitos, atributos, características e virtudes observadas na criação da *nobreza de serviço*, aparente no cronista português Fernão Lopes, e a imagem do *condottiere* idealizado nos textos de Maquiavel. Tanto a nobreza de serviço portuguesa quanto os *condottieri* italianos exercem papéis de cunho militar aonde a eficiência no combate acaba por ser mais relevante do que as características atribuídas aos bons homens, como as virtudes cristãs, o comportamento honrado, entre outros atributos anteriormente idealizados na literatura medieval – principalmente personificados na instituição da Cavalaria. Esse estudo comparativo também explora assim modelos propostos evidenciando uma nova condição da figura militar, entre os séculos XV e XVI – através da identificação de atributos paralelos assim como díspares, e como o contexto no qual são estabelecidos é fundamental para seu advento. Sua articulação contínua demonstra como, em espaços geográficos diferentes, a funcionalidade das atribuições militares toma relevância fundamental perante projetos políticos distanciados. Tomando assim a obra *La Vita di Castruccio Castracane*, de Maquiavel, e a *Crônica de Dom João*, de Fernão Lopes, exploramos assim obras compostas por autores formados dentro de tradições literárias similares – ambos fruto de um movimento de valorização da funcionalidade em todos os ambientes da sociedade medieval; principalmente no ambiente da profissão de armas.

Palavras-chave: Idade Média; Maquiavel; Fernão Lopes; Teoria Política

Financiamento: pesquisa realizada através do Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Paraná - PIBIC, contando com financiamento da Fundação Araucária – Editais 2012-2013 e 2013-2014.

Introdução

Tomando como fonte de análise principal a biografia *La Vita de Castruccio Castracani*, obra do princípio do século XVI elaborada por Nicolau Maquiavel, observou-se a criação de um *condottiere* na figura do personagem

histórico escolhido pelo autor cujos atributos e capacidades fazem-no um modelo de príncipe perfeito, aquele observado através de *O Príncipe*. Ainda que na *História de Florença* o autor desconstrua a figura dos *condottieri*, a obra biográfica de *La Vita* estabelece um texto inspirado nas gestas medievais, aonde a figura idealizada deste *príncipe-condottiero* torna-se um governante evidentemente capacitado para a dominação e a manutenção de seu poder. Os *condottiere* - líderes e capitães mercenários cuja projeção política e militar diversas vezes os observa a ascensão à *signoria*, ao principado, ou a cargos de projeção e influência nas repúblicas italianas - tornam-se o grupo de exemplificação de suas perspectivas políticas.

A partir da análise de fontes históricas pertinentes, e da sua inserção em seu contexto histórico de acordo com a bibliografia levantada, o seguinte trabalho se propõe a explorar as relações perante os conceitos, atributos, características e virtudes observadas na criação da *nobreza de serviço*, aparente no cronista português Fernão Lopes, e a imagem do *condottiere* idealizado nos textos de Maquiavel. Tanto a nobreza de serviço portuguesa quanto os *condottieri* italianos exercem papéis de cunho militar aonde a eficiência no combate, de maneira diferenciada da nobreza cavalheiresca anteriormente idealizada na literatura, acaba por ser mais relevante do que as características atribuídas aos bons homens, como as virtudes cristãs, o comportamento honrado, entre outros atributos.

Assim, a dimensão acerca da pesquisa a respeito dos paralelos entre estes modelos de uma nova condição da figura militar, entre os séculos XV e XVI, trata não só de identificar as relações de cada conceito, mas também observar quais atributos são partilhado, sua eventual ressignificação, e como o contexto no qual são estabelecidos é fundamental para seu advento. Diversos destes paralelos foram identificados, e sua articulação contínua demonstra como, em espaços geográficos diferentes, o funcionalismo das atribuições militares passa a ser mais importante do que as características louvadas na literatura trovadoresca. Proposta essa a análise de figuras de finalidade social análoga – a nobreza de serviço portuguesa e os *condottieri* italianos – e os paralelos de suas atribuições em contextos diferenciados, porém ambos

compositores da Baixa Idade Média como baliza temporal compreendida tradicionalmente.

Os *condottieri* presentes em Maquiavel são personagens históricos de origem medieval, observados desde o século XIII com a organização das primeiras Grandes Companhias de mercenários, precocemente organizados como hostes a serviço de um empregador – uma cidade, um príncipe, ou mesmo um potentado estrangeiro. O primeiro nome atribuído como um *condottiere* seria Roger de Flor, também chamado Ruggerio Flores, que teria liderado uma companhia de guerreiros catalães a serviço do Basileu Bizantino no final do século XIII, um exemplo dessa ‘classe’ militar específica. Os grupos dos chamados ‘Almogávares’ também surgem como forças mercenárias organizadas em torno de líderes que os comandavam e organizavam perante seus contratantes, seja este um reino, uma cidade ou um nobre.

Devido às transformações sociais e políticas vigentes na península itálica através do posicionamento espacial das aristocracias detentoras de terras dentro do ambiente citadino, sua articulação como nobreza pertencente a diversas tradições próprias de cada ambiente comunal leva a configuração de grupos governantes que, diferentemente da nobreza além-Alpes, não hesita em interagir com a emergente burguesia comercial. Os mercadores de sucesso, cujo comércio trata de tecidos finos, especiarias e outros bens, assim como a emergência dos banqueiros, por vezes tomam alianças com tais famílias dessa nobreza citadina, através de vínculos políticos e casamentos que transformam esses grupos de interesse político em governantes da cidade-comuna no qual residem. Assim, a nobreza itálica gradualmente, mas também regionalmente, conta com uma menor influência política à medida que cede seu espaço de controle as burguesias citadinas, configurando-se em famílias cujos nomes passam a representar grupos de interesse.

A república comunal é o grande exemplo dessa situação, por vezes oriunda em uma cidade cuja tradição de uma antiga nobreza lombarda perde sua influência até encontrar sua área de ação tão limitada quanto à de qualquer cidadão – divididos, localmente, em facções de interesse distinto.

Diferentemente da nobreza estruturada alhures, cuja teorização os garante atributos militares evidentes, a nobreza itálica acaba por vezes não contando com estes mesmos atributos, variando de localidade à localidade.

Dessa forma, os *condottieri* surgem como guerreiros mercenários, *soldati di venture*, cuja participação torna-se cada vez mais importante no âmbito militar a medida que o declínio das milícias citadinas torna-se mais evidente. As facções que conflitam pelo poder comunal por vezes preferem tomar a figura do ‘estrangeiro’, originário de outra cidade-comuna, desde as primeiras configurações de um governo republicano citadino – em especial, a do *podestà*, magistrado de justiça e administrado, teoricamente assim sem vinculações aos grupos locais. As milícias citadinas passam apenas a serem formadas em situações de emergência, como durante ao assédio da cidade ou o saque do *contado* próximo, que junto com a *comuna* formam um único eixo de identidade citadina. A guerra de agressão, principalmente contra outras *comune* rivais, acaba sendo principalmente configurados através dos embates entre mercenários contratados e pagos pelas partes beligerantes.

Nesse ambiente, esses líderes mercenários acabam tomando projeções políticas e militares cada vez mais relevantes. Tornando-se mediadores entre os governos citadinos e seus mercenários, os *condottieri* gradualmente passam a representar seus homens em nome da companhia a qual pertence; e através de sua liderança carismática, comanda os guerreiros que o seguem não só a fim de cumprir com as *condotte*, os contratos estabelecidos entre si e seus empregadores, mas também suas próprias agendas se servem ao empregador ou não.

O caso português que servirá de paralelo a análise é o da nobreza ideal sob a perspectiva do cronista régio Fernão Lopes. Oriundo de uma baixa nobreza, suas atribuições durante o princípio do século XV como guarda-mor da Torre do Tombo fazem de Lopes um escritor-historiador cujas obras ainda se mantêm hoje, tal qual como as de Maquiavel, ricas fontes a respeito do âmbito político no qual fora inserido em seu tempo. Sua concepção de uma nobreza diferenciada daquela presente nas cantigas trovadorescas, a de uma

nobreza não mais tão ligada aos ideais da cavalaria honrada e alçada por ideais cristãos, é importante marco do desenvolvimento de um novo ideal de nobreza, identificado com o conceito de nobreza de serviço. Essa nobreza, cujos atributos principalmente militares são mais valorizados pela eficácia do que pelo trato convencionado pelos códigos de cavalaria, surge em um contexto onde o Reino de Portugal está constantemente em provação, e necessita de reafirmação perante um Reino de Castela cada vez mais consolidado e influente.

Lopes escreve logo após um contexto de instabilidade política em Portugal, dado da mudança dinástica da linhagem de Borgonha para a de Avis, transformação essa interpolada por uma guerra para com o Reino de Castela. Tomando a si a responsabilidade de afirmar D. João I, Mestre de Avis, como legítimo herdeiro da coroa, ainda que bastardo de seu pai Dom Fernando, Fernão Lopes elabora três crônicas, aonde a vinculação da nobreza é cada vez mais evidente para com o poder régio português – de fato, o cronista é executor de um projeto de legitimação da Casa de Avis enquanto legítimos reis de Portugal; projeto que atrela o sucesso da Casa ao sucesso e às características exemplares da nobreza que teria proporcionado o sucesso de D. João no conflito contra outros pretendentes. Interessa-nos principalmente a ascensão da figura de Nuno Álvarez Pereira como nobre de serviço, ainda mais dado que sua relevância militar durante tal guerra contra Castela seja fundamental neste desdobramento peninsular também da própria Guerra dos Cem Anos. A campanha no território de Badajoz que culminaria em Valverde é também exemplo de como a guerra nessa Baixa Idade Média se realiza de maneira diferente – a perspectiva da *honra* como determinante de uma nobreza esgota-se de significado ao passo de que a vitória militar e a segurança da coroa dependem do saque, da violência, e de táticas pouco *honrosas*.

A transformação no sentido tático-militar passa então por uma busca mais pragmática da vitória bélica, mais do que a asserção de prerrogativas de grupo antes exploradas. Ser um guerreiro e liderar tropas torna-se um ofício cada vez mais específico de grupos da nobreza, não mais identificada com os *bellatores*, seu papel social transformado. Quando uma vez identificados como

compositores de uma aristocracia ancestral anterior à instituição da monarquia – a de Portugal ou mesmo a de Castela – a nobreza passa a ter sua exaltação e mesmo sua legitimidade garantidas pelo seu caráter de serviço ao monarca; como parte do processo de centralização do poder régio através do século XV. A gradual burocratização do aparato régio com os administradores e funcionários reais, juízes apontados pela coroa também é parte correspondente desse processo no qual novos indivíduos são inseridos na sociedade política que circunda ao monarca; transformados em nobreza dado sua importância perante o rei quanto seus partidários; personagens sobre os quais pode se apoiar e cuja dependência de si – e assim, sua fidelidade – seriam gradualmente mais fiáveis do que a nobreza mais antiga vinculada à territórios além da influência do monarca; e por vezes cooptados por outros senhores, por outros suseranos a quem devem também sua fidelidade. Trata-se aqui de um amplo jogo político no qual a ‘nobreza de serviço’ torna-se uma opção viável para manutenção da influência do monarca. O que observamos então é parte do processo de Revolução Militar sugerido por Clifford Rogers e Dennis Showalter enquanto um processo de transformação político-social influenciado pela condução do combate e da atividade guerreira em suas formas, estratégias e auto-definições – tanto no ambiente itálico, quanto no ambiente ibérico.

Assim a própria disposição de tropas, assim como os encontros travados, se transformam. Lopes observaria a Batalha de Aljubarrota, onde formações de infantaria armada com arcos longos ingleses, combinados com um terreno propício, triunfam sobre mais numerosos inimigos montados. Maquiavel observa posteriormente o uso das armas de fogo em campo de batalha, evoluídos os canhões e as armas de mão além de sua origem como engenhos de cerco. Muito embora as formações de combate houvessem mudado pouco – ainda busca-se sobrepular o inimigo através do avanço em massa e do combate corpo-a-corpo – a transformação da percepção do combate, de suas prerrogativas, e de seu ofício e condução, foram notáveis.

Objetivos

A análise de fontes, exploradas através de uma metodologia de pesquisa histórica baseada na comparação entre as informações observadas no documento e as questões e abordagens propostas pelos autores tomados como bibliografia, será basilar para o trabalho. Tomando a pesquisa como um trabalho de natureza histórica, é fundamental abordá-lo como o mesmo. Assim, pensando a história como problemática, a pesquisa tem por objetivo primeiro desenvolver como Maquiavel observa a figura dos *condottieri*, seu posicionamento perante estes mercenários. E também sua elaboração de uma obra de caráter histórico, a fim de demonstrar como um destes personagens, na sua concepção a princípio incapazes de conduzir uma guerra ‘séria’ e sempre uma ameaça a liberdade de sua República Florentina, em um personagem não só capacitado ao governo devido a sua *virtú* de acordo com a concepção maquiavélica do termo, mas também a criação de um principado.

Em sua narrativa, o personagem-título, Castruccio Castracani, é demonstrado como excelente em todos os sentidos – um perfeito cortesão, um hábil guerreiro e estrategista, um audaz e astuto conquistador. Enfim, um personagem que é tomado pelo autor como um modelo a ser seguido pelo aspirante a príncipe – e sua caracterização como um *condottiere*, um capitão de guerreiros mercenários, torna Castruccio também capacitado para manter o poder político que adquire através da conquista militar, no caso de Pisa e Florença, e da intriga, tanto em Lucca quanto em Pistóia; territórios que passarão por seu controle durante a narrativa.

Buscando esses elementos, também a definição do *condottiere* como capaz de manter seu poder através mesmo da coerção armada é similar à elaborada por Fernão Lopes. A nobreza de serviço se articula como uma nobreza surgida de um ambiente guerreiro e cuja ocupação é fundamentalmente militar, um módulo de ascensão social na Baixa Idade Média, ainda que considerada uma nobreza de segunda categoria perante as famílias nobres de uma tradição ancestral, em Portugal. O caso mais impactante é o da figura do Condestável do Reino, Nuno Álvares Pereira – senhor de origem bastarda, que, no entanto, através de sua proficiência no ofício das armas, recebe benefícios régios, títulos, e um protagonismo singular

na crônica régia – Nuno Álvares é fundamental para a segurança do reinado de D. João. Ainda que em espaços diferentes – o Reino de Portugal e a Península Itálica - é importante reforçar como ambos os sistemas partilham similaridades, principalmente no âmbito militar. Não se busca reduzir os construtos sociopolíticos e culturais a um determinismo geográfico, mas tal qual o ambiente mediterrânico serve como condutor e catalizador de ideologias através do comércio e contato, tal como observado por Fátima Regina Fernandes na linhagem dos Pessanha, família originalmente genovesa (*Pessagno*), que serviu a coroa portuguesa como capitães navais e almirantes. E explorar tais vínculos e similaridades entre modelos durante o século XV e princípio do século XVI é o objetivo deste estudo. O bom nobre é também aquele que aplica seu poder e torna-se um ator político de importância e influência devido ao sucesso guerreiro, em batalha ou saque – contexto muito similar ao dos *condottieri*. A arte da guerra se observa como um grande negócio, um empreendimento que gera e circula grandes quantias de dinheiro e influência política, tanto para o nobre de Fernão Lopes, quanto para o *condottiere* de Maquiavel.

Partindo de Ricciardelli e Cohm, tomamos então a efetividade política através do Renascimento ainda garantida de fato por força de armas. A violência fora considerada através da História – e ainda hoje, em certos aspectos – um método legítimo de assegurar a preeminência de uma linha política sobre outra através da resolução de conflitos quaisquer com o silenciamento de quaisquer dissonantes. No ambiente itálico, tal situação gerou mesmo a questão da *vendeta*, conceito este que define o direito de um grupo em exercer de violência contra outro dado de crises políticas pré-existentes, e vice-versa; assim como outros dispositivos derivados da organização política em facções dentro do ambiente político itálico, primariamente cidadão. Tendo assim a perspectiva de que a violência também é um método legítimo de resolução política – dado que da eliminação física de uma das partes contrárias geraria então o consenso pela opção política do grupo sobrevivente – podemos abordar Maquiavel com maior segurança, principalmente em sua discussão acerca das armas necessárias para a manutenção do estado.

Resultados

Comparando a percepção do autor aparente em *História de Florença* e no mais conhecido *O Príncipe*, ambas fontes demonstram a perspectiva negativa sob a qual Maquiavel tem os mercenários. Tanto ao pregar contra o seu uso em seu livro sobre a manutenção do poder político, quanto ao considerar absurdo as ações dos mesmos quanto ao episódio marcante da Batalha de Anghiari; aonde os mercenários vitoriosos a serviço de Florença, liderados pelo condottiere Micheletto Attendolo Sforza, retiram-se como o butim do combate para Arezzo, salvaguardando-o ao invés de perseguirem imediatamente os derrotados, comandados por outro líder mercenário, Niccolo Piccinino, a serviço de Milão, e cujas campanhas na Toscana teriam causado grandes prejuízos a República Florentina, na forma de vitórias militares e saques. Maquiavel até ridiculariza a batalha, tomando que apenas um combatente morrera no combate, por cair de seu cavalo, e jamais pelos golpes de seus inimigos.

Essa falta de confiabilidade que os mercenários passam a demonstrar perante seus empregadores torna-os um sustentáculo de poder político frágil - devido ao fenômeno observado por Murphy e Larivaille de uma gradual percepção dos *condottieri*, dotados de proficiência militar, de um sentimento de camaradagem para com os *condottieri* a serviço de outro empregador, e com os quais devem bater-se em combate. Os contratos entre, segundo Murphy, Larivaille e Nicolle, as cidades-estado italianas e as companhias mercenárias são cada vez mais lucrativos para os *condottieri*, ainda que se observe uma gradual diminuição no número que forma os contingentes das companhias mercenárias desde a metade do século XV.

Porém, é necessário lembrar que de acordo com Murphy e Caferro, os mercenários em si não seriam apenas oportunistas, espoliando a seus contratantes e inimigos gratuitamente. A imagem pintada por Maquiavel em *O Príncipe* e *A História de Florença* são mais parte de sua construção ideológica a fim de estabelecer princípios pragmáticos da manutenção segura de um principado – logo, de um governo – do que uma realidade atestada em fontes.

Murphy é enfático ao lembrar do combate de Parabiago, enquanto Caferro debruça-se sobre a Batalha de Sinalunga; ambos confrontos mortais que demonstram a disposição de *condottieri* e suas *compagnies di venture* em engajarem-se em combates fatais, mais do que apenas combates ‘encenados’.

Maquiavel já teria elaborado teoricamente um príncipe perfeito, na figura de Castruccio Castracani. Personagem histórico que teria desarticulado a República de Lucca ao ser aclamado Consul Perpétuo, Vigário Imperial e posteriormente Duque, Castruccio fora um grande adversário da República de Florença durante o final do século XIII e princípio do século XIV. Maquiavel teria então diversas oportunidades de, em seu ofício como historiador e comentador, perceber esta figura de um passado distanciado de sua realidade, mas ainda reconhecível o suficiente para tornar Castracani em seu príncipe ideal, um homem que não mede esforços para expandir e manter seu poder, sua influência política. Não só Castracani é um brilhante estrategista em passagens de *La Vita*, como também é um ardiloso planejador, que não hesita em acabar com toda e qualquer ameaça a sua hegemonia interna ou a sua influência externa a seu círculo político – no caso, Lucca e a Toscana.

O episódio da tomada de Pistóia é certamente impactante, descrito por Maquiavel enquanto o *condottiere* transparece como uma influência externa, capaz de se aliar a uma das duas facções que disputam o controle político da cidade, mas que por sua própria intriga, acaba com ambas facções a fim de tomar Pistóia para si próprio. A temática do engodo e da duplicidade é constante através das obras de Maquiavel – e nos mais diversos gêneros de escrita que o historiador compunha. O autor constrói Castracani seguindo não só a tradição dos espelhos de príncipes medievais, como também a *Ars Dictaminis*, e ainda fórmulas e máximas clássicas de caracterização, como tornando o *condottiere* Castruccio, a serviço de Matteo Visconti; em um sábio - um erudito que repudia a vida clerical em busca da fama e da glória mundanas.

Já a respeito de Fernão Lopes, a pesquisa se elaborou principalmente a respeito da bibliografia consultada sobre o autor, sua produção, e como sua figura é tomada pela historiografia, de maneira geral. A fonte consultada fora a

Crônica de D. João; aonde os episódios da proficiência militar de Nuno Álvares Pereira são descritos em detalhes; e aonde o cronista também explora o caráter pessoal do condestável. Seu gênio militar fora notado durante a pesquisa – como o cuidado com a disposição de seus guerreiros e a busca por um terreno taticamente propício para dar-se o combate a um inimigo numericamente superior. Esse cuidado, também demonstrado por Castruccio na obra de Maquiavel, é potencial herança de uma tradição militar erudita apresentada nas obras de Vegécio, assim como de outros cânones da arte das armas como apresentada em manuais estratégicos. No entanto, Lopes também se preocupa com a idoneidade de Nuno Álvares Pereira; preocupação que não afeta Maquiavel em 1520. O cavaleiro condestável é descrito por Lopes como cortês; gentil com as damas, porém evitando misturar-se com mulheres ou com os jogos de azar praticados pelos guerreiros que lidera. Aqui, a moralidade cristã se demonstra como atributo desejável à nobreza de serviço; enquanto mercenários como os *condottiere* são amplamente descritos como ímpios.

Lopes busca afirmar e legitimar uma dinastia cujas vitórias militares a alçaram como legítima a coroa portuguesa. Maquiavel sugere um modelo ideal de líder militar, identificando que através dos mesmos se afirmaria aquele capaz de unificar os territórios itálicos perante as depredações de estrangeiros. Os paralelos são quase imediatos, dado a atenção aos contextos temporalmente próximos, porém distintos – ambos os autores observam que a legitimidade política também se atinge através da força militar. Os triunfos de Nuno Álvares, ao abandonar a nobreza da honra cavaleiresca pela efetividade do saque, da guerra como motor econômico tal quais os conflitos dos *condottieri* na península itálica, diversas vezes documentados por Maquiavel são exemplos dessa suma relevância da atividade bélica.

A bibliografia consultada levou a consideração de novas perspectivas e abordagens relativas à pesquisa. A comparação da fonte analisada, de Maquiavel, com outras fontes elaboradas pelo mesmo autor parece imprescindível para uma melhor compreensão dos objetivos do autor perante sua obra, assim como a inserção em qual espaço ele pertence e ocupa. A encomenda da *História de Florença* pelo Papa Clemente VII, Medici, parece

incentivada, segundo Larivaille, por uma leitura da obra *La Vita* efetuada pelo então cardeal Giuliano de Medici. Maquiavel é reconhecido como um historiador, dentro da classificação do conceito em seu tempo, por aqueles que contratam seus serviços após seu afastamento da atividade política na República de Florença. Fernão Lopes, por sua vez, cria na figura de Nuno Álvares Pereira um cavaleiro cuja ação determina sua posição, sua função social, e também seu sucesso. No entanto, diferentemente de Castruccio Castracani, o condestável português criado por Lopes ainda se configura perante um padrão moral cristão - adequado ao seu espaço. Pereira é casto, evita a companhia das mulheres e do jogo, ainda que celebrado por seus guerreiros. Castracani, por sua vez, é pincelado em posições opostas por Maquiavel – o *condottiere* partilha da companhia de mulheres, lascivo, e de armígeros, fanfarrão, agindo de maneira tão ‘maquiavélica’ quanto necessário para alcançar suas ambições sobre a Toscana.

Considerações Finais

Maquiavel demonstra que as capacidades demandadas para um príncipe perfeito deveriam ser encarnadas, da teoria para a realidade, na figura dos *condottieri*. A detenção de um poder coercitivo na figura dos seus mercenários faz da liderança carismática e popular do *condottiere* muito mais apto para a tomada, criação ou manutenção de um principado, qualquer que o seja devido a essa força militar. O príncipe perfeito é um homem de armas, de ação, oportunista e calculista, que planeja suas conquistas e toma a *Fortuna* como seu instrumento de atividade. A desarticulação da independência política da maior parte das *comune* italianas, inclusive de boa parte dos mais influentes ‘estados’ é também observada por Maquiavel, o que talvez proporcionasse ainda mais o apelo notado nas últimas páginas de *O Príncipe*, por uma união italiana perante o inimigo externo, bárbaro e inculto, que selvagem não sabe conduzir a ‘boa guerra’.

Fernão Lopes, por sua vez, estabelece uma narrativa que transforma, através das vitórias militares que afastam essa nobreza de segunda categoria, emergente, dado a seus serviços daquela nobreza antiga, tradicional, que

nutriu os romances de cavalaria e as cantigas dos trovadores até então.

Assim, notamos não apenas a concepção fundamental da manutenção do poder através da dependência em forças armadas, assim como de seu comando hábil – parte da *virtù* necessária na formação do príncipe. O governante não apenas deve, segundo ambos os autores, contar com o apoio político de diversos pares, mas também mostrar-se um comandante habilidoso, pragmático, cuja conquista de praças específicas assegure sua influência nas regiões circundantes; e não aquele cujas campanhas geram apenas despesas à seus cofres – dado que qualquer expedição militar é em si própria um grande empreendimento, investimento de demanda muitos recursos em armas, guerreiros, alimentação, entre outros – com combates inúteis ou malgradados. Escolher bem o combate, assim como possuir o discernimento de sobrepujar definitivamente seu inimigo é parte fundamental do processo do bom governo.

Referências

Artigo

BLOMQUIST, Thomas W. *The Castracani Family of Thirteenth-Century Lucca*. *Speculum*, Vol. 46, No. 3.1971.

BONDANELLA, Peter E. *Castruccio Castracani: Machiavelli's Archetypal Prince*. *Italica*, Vol. 49, No. 3, 1972.

CAFERRO, William. *Italy and the Companies of Adventure in the Fourteenth Century*. *The Historian*. Vol. 58, issue 4, 1996.

GREEN, Louis. *Lucca under Castruccio Castracani: The Social and Economic Foundations of a Fourteenth-Century Italian Tyranny*. I *Tatti Studies in the Italian Renaissance*, Vol. 1. 1985.

HAHN, Fábio André. *Reflexos da Perfeição: Alguns Elementos do gênero espelhos de príncipes na Idade Moderna*. *Revista Varia Scientia* v. 06, n. 12, p. 151-157. 2006.

PHILLIPS, Mark. *Machiavelli, Guicciardini, and the Tradition of Vernacular Historiography in Florence*. *The American Historical Review*, Vol. 84, No. 1, 1979.

ROGERS, J Clifford. *The Military Revolutions of the Hundred Years' War*. *The Journal of Military History*: vol.57. 1993. Disponível em:

<http://deremilitari.org/2014/06/the-military-revolutions-of-the-hundred-years-war/>

, Acessado em 21/07/2014.

SHOWALTER, Dennis E. *Castle, Skill and Training: The Evolution of Cohesion in European Armies from the Middle Ages to the Sixteenth Century*. The Journal of Military History: vol. 57. 1993. Disponível em: <http://deremilitari.org/2014/07/caste-skill-and-training-the-evolution-of-cohesion-in-european-armies-from-the-middle-ages-to-the-sixteenth-century/>, Acessado em 21/07/2014.

WITOSZEK, Nina. *Rivers and Humans – The Civilizing Project of Leonardo Da Vinci and Niccolo Machiavelli*. Oslo, 2009.

Autor de Livro:

BURKE, Peter. *The Italian Renaissance: Culture and Society in Italy*. Princeton – Princeton University Press, 1987.

BURKHARDT. Jacob. *A Cultura do Renascimento na Italia*. Tradução Sergio Tellaroli. Companhia de Bolso, 2009.

BRAUDEL, Fernand. *O espaço e a história do Mediterrâneo*. São Paulo : Martins Fontes, 1987.

_____. *O modelo italiano*. Tradução Franklin de Mattos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COHM JR; Samuel Kline & RICCIARDELLI, Fabrizio - Editors. *The Culture of Violence in Renaissance Italy: Proceedings of the International Conference*. Georgetown University at Villa Le Balze, 3-4 May. Le Lettere, 2010.

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*.(Tradução de Renato Janine Ribeiro), Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1988.

_____. *O Domingo de Bouvines*. Paz e Terra Editora. 1993.

FERNANDES, Fátima Regina. (org.). *Identidade e Fronteiras no Medievo Ibérico*. Curitiba: Juruá, 2013.

_____. *Los Genoveses en la Armada Portuguesa: Los Pessanha*. In.: *Edad Media – Revista de História*, Universidad de Valladolid. Vol. 4, 2001.

GARIN, Eugenio. *O Homem Renascentista*. Editorial Presença, Lisboa; 1991.

HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s/d.

LARIVAILLE, Paul. *A Itália no tempo de Maquiavel: Roma e Florença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

MASTERS, Roger. *Maquiavel e Da Vinci, Um Sonho Renascentista*. Jorge Zahar Editora. 1999.

MIETHKE, Jürgen, *Las ideas políticas de la Edad Media*. Buenos Aires: Ed. Biblos. 1993.

MURPHY, David. *Condottiere 1300-1500, Infamous Medieval Mercenaries*. Oxford: *Warrior; 115*. Osprey Publishing, 2007.

NICOLLE, David. (1983) *Italian Medieval Armies 1300-1500*. Oxford : *Men-At-Arms Series; 136*. Osprey Publishing, 1995.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, Tradução de Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 1996.